

Caipira consegue tudo no Planalto

20 NOV 1986

MARIA IZABEL FREITAS
Da Editoria de Política

A passagem do governador eleito de São Paulo, Orestes Quércia, pelos Palácios do Planalto e da Alvorada em companhia do presidente Sarney, durante o final da manhã e começo da tarde de ontem, foi um visível sinal de que o político provinciano, como ele mesmo se define — “sou e assino embaixo” — venceu as resistências até mesmo do antes todo-poderoso ministro Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil da Presidência. Sarney prometeu a Quércia, com todas as letras, que os pedidos de recursos e verbas para São Paulo não serão engavetados.

A compensação dessa espécie de “limpeza de áreas” para Quércia, que teve em Marco Maciel desde o início da campanha para governador um inimigo político ferrenho, já resultou em frutos promissores para Sarney: Quércia declarou que, em relação ao mandato presidencial, não tem ainda opinião formada, mas já começa a sentir simpatias por um período de governo de seis anos para Sarney.

A questão do mandato presidencial, que vem sendo colocada pelos governadores eleitos que têm passado pelo gabinete de Sarney como carente de definição antes mesmo da instalação da Assembléa Nacional Cons-

tituinte, ganhou uma nova adesão com Quércia. Se o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, vem defendendo um período governamental de quatro anos, Quércia poderá vencer, ou perder, a resistência dentro da bancada paulista dependendo de seu desempenho como governador eleito. Se a bancada paulista até agora vem se definindo como “quercista”, restará ao novo chefe do governo estadual manter uma posição política que lhe assegure esse apoio até o final de seu mandato.

Para tanto, não foi à toa que Orestes Quércia retornou ao Palácio do Planalto com o discurso de que a manutenção do congelamento dos preços e o “gatilho” salarial devem ser questões amplamente discutidas pelo PMDB. Quércia passou a considerar que a possível candidatura de Franco Montoro à sucessão de Sarney não é um nome passível de votos — “defenderei um nome que seja do PMDB” — e já descartou que esse nome seja o seu — “as minhas ambições se esgotam em fazer um bom governo em São Paulo”.

Sempre alertando que Ulysses Guimarães “é o porta-voz do PMDB” Orestes Quércia fez uma passagem vitoriosa pelo Palácio do Planalto: cumprimentado na chegada e na saída por funcionários, ascensoristas, porteiros e garçons, o novo gover-

nador só não foi ao quarto andar, onde fica o gabinete de Marco Maciel. De resto, não sobrou ninguém. Todos foram cumprimentados com apertos de mão, tapinhas nas costas e largos sorrisos. Quércia conseguiu até mais que os demais governadores que já estiveram com Sarney: uma carta branca para obter, junto ao Ministério dos Transportes, recursos que já garantam durante o seu governo um funcionamento mais razoável do serviço na área metropolitana de São Paulo.

Ainda assim, Quércia definiu a vitória do seu partido nas eleições como um fruto do trabalho do próprio partido. “Quem ganhou foi o PMDB, o presidente Sarney também ganhou porque é um companheiro do partido”, disparou o governador, para quem, pelo menos em São Paulo a legenda “se recompôs com o eleitorado tradicional, concentrado nas camadas mais pobres”.

Assim como todos os governadores eleitos, Orestes Quércia acha que a reforma ministerial “é um critério pessoal de Sarney”. Mas afirmou que, em sua opinião, o governo federal deve aproveitar os governadores que estão deixando o cargo. “Reconheço que não é uma tarefa assim tão simples, e apenas o presidente deve saber como fazê-la, se achar conveniente”, afirmou.

CORREIO BRAZILIENSE